***O INSULTO*, EM BUSCA DA CONCILIAÇÃO**

No longa indicado ao Oscar, choque entre libanês cristão e refugiado palestino torna-se representação de conflito de âmbito internacional

**EDUARDO ESCOREL**

15fev2018\_16h27

**Filme libanês “parece ter alguns dos ingredientes necessários para ganhar o Oscar de Melhor Filme em Língua Estrangeira “, avalia Escorel**FOTO: DIVULGAÇÃO

**N**ão é necessário, muito menos suficiente, basear filmes em experiência própria. Mas, ao fazer isso, o resultado pode ser bom, conforme *O Insulto* atesta.

A inspiração para o roteiro veio, em parte, de insultos que o próprio diretor, Ziad Doueiri, trocou com um operário de obra que ele molhou quando estava aguando suas plantas, em Beirute. A discussão foi rápida. Dias depois, porém, Doueiri perguntou a si mesmo: “E se uma história começasse com algo tão insignificante assim, um problema na calha, e em vez de ser resolvido, realmente se complicasse?”

Escrito a quatro mãos por Doueiri e Joelle Touma – marido e mulher que na época estavam se divorciando –, o roteiro também recebeu contribuições do processo de separação do casal que estava em curso e, mais ainda, do fato de Doueiri ser muçulmano secular, e Touma, cristã. Criado em família de esquerda pró-Palestina, na qual os cristãos e os que “colaboravam com Israel” eram considerados inimigos mortais, Doueiri costumava dizer que “um bom cristão é o cristão morto”. E levou algum tempo até que “ele se acostumasse a sentar lado a lado com os cristãos do leste de Beirute”.

Doueiri declarou sempre ter acreditado que “os cristãos nunca sofreram na guerra civil e que só nós, muçulmanos, sofremos”. E disse ainda: “Esse foi o mito com o qual cresci, mas aí compreendi que os cristãos sofreram tanto quanto nós. É dever moral do artista tentar entender o outro lado, e foi daí que veio *O Insulto*. Enquanto escrevíamos, eu e Joelle trocávamos de papel: eu escrevia o diálogo da direita cristã, enquanto ela escrevia a perspectiva palestina.”

Outra fonte de inspiração declarada foi *A história de Qiu Ju* (1992), de Zhang Yimou, filme que Doueiri afirmou adorar por que trata da exigência feita por uma mulher – ela quer que o prefeito da vila peça desculpas ao seu marido.

Os massacres de cristãos em Damour (1976), cidade no Litoral Sul do Líbano, e o de palestinos nos campos de refugiados de Sabra e Chatila (1982), no oeste de Beirute, estão na raiz do antagonismo que aflora em um incidente aparentemente banal. Porém, o que, a princípio, parece se restringir a um desentendimento pessoal evolui até abarcar o contexto amplo no qual o choque entre o mecânico libanês cristão Tony Hanna (Adel Karam) e Yasser Salameh (Kamel El Basha), refugiado palestino encarregado de obra, torna-se a representação de um conflito de âmbito internacional.

Embora gasta, a imagem é precisa – a estrutura narrativa de *O Insulto* é formada por círculos concêntricos que vão se ampliando, como os produzidos por uma pedra atirada nas águas plácidas de um lago.

Fiel à tradição dos melhores filmes de tribunal americanos, *O Insulto* incorpora com eficiência os traços identitários do gênero, inclusive a revelação inesperada que acaba aproximando acusador e acusado, ambos pertencentes a grupos que sofreram violências atrozes. Ao reavivar a memória apagada, e desvendar o que o tempo encobriu, descobre-se que no embate de Tony e Yasser não há culpado, de um lado, e inocente, do outro. Os dois são responsáveis, algozes e vítimas ao mesmo tempo.

Apesar de indicado oficialmente pelo Líbano para concorrer ao Oscar, a legenda inicial de *O Insulto*declara que os pontos de vista expressos no filme não representam a posição oficial do governo libanês. Isso, apesar de *O Insulto* ser um grande sucesso comercial em seu país.

As autoridades apoiam o filme, de um lado, e de outro se eximem de responsabilidade política. Querem o melhor dos mundos: o prestígio de concorrer ao prêmio da Academia, sem se comprometer com a conciliação que *O Insulto* indica como sendo possível. Para Doueiri, “até Darth Vader tem um lado bom, caso contrário ele não seria interessante”.

Mesmo quem reconhece o talento de Doueiri, considera-o ingênuo e sua posição romântica. Para um de seus críticos, “não se pode fazer as pazes com quem pôs uma faca no seu pescoço. É impossível”.

Selecionado entre os cinco concorrentes finais ao Oscar de Melhor Filme em Língua Estrangeira, junto com *Corpo e Alma*, *The Square*–  *A Arte da Discórdia*, *Uma Mulher Fantástica* e *Sem amor, O Insulto* parece ter alguns dos ingredientes necessários para ganhar o troféu –  perspectiva otimista e vigor narrativo, adquiridos talvez no tempo em que Doueiri estudou cinema na Califórnia e trabalhou como técnico em produções americanas.

Nota: As citações de Doueiri provêm de entrevistas disponíveis na íntegra no jornal [*The Village Voice*](https://www.villagevoice.com/2018/01/19/the-insult-director-ziad-doueiri-on-war-repression-and-how-his-film-is-not-even-handed/) e no site do [Middle East Institute](http://www.mei.edu/content/article/interview-ziad-doueiri-director-insult%22%20%5Ct%20%22_blank).

[**EDUARDO ESCOREL**](https://piaui.folha.uol.com.br/colaborador/eduardo-escorel/)

Eduardo Escorel, cineasta, diretor de *Imagens do Estado Novo 1937-45*

Crítica | O Insulto

*por*[*Gabriel Carvalho*](https://www.planocritico.com/author/gabriel-carvalho/)*em 11 de fevereiro de 2018*[*@planocritico*](http://www.twitter.com/planocritico)

[Facebook70](https://www.planocritico.com/#facebook)[Pinterest0](https://www.planocritico.com/#pinterest)[Twitter](https://www.planocritico.com/#twitter)[Google+](https://www.planocritico.com/#google_plus)[Compartilhar70](https://www.addtoany.com/share#url=https%3A%2F%2Fwww.planocritico.com%2Fcritica-o-insulto%2F&title=Cr%C3%ADtica%20%7C%20O%20Insulto)

*“Ninguém tem o monopólio do sofrimento.”*

*O Insulto* é, primeiramente, um filme sobre política, não por necessariamente trabalhar os meandros políticos que conhecemos superficialmente e bradamos como corruptos e vis, mas por trabalhar o quê de politicagem inerente a todos nós, quer que nós o abracemos como um companheiro, quer que nós sejamos engolidos pela sua natureza. O ser humano é um ser político. Um insulto ordinário, na premissa do filme, vai aos poucos ganhando proporções cada vez maiores, intensificando debates na sociedade libanesa, promovendo o caos entre aqueles que não se importam em parar e refletir. A primeira nomeação ao [Oscar](http://planocritico.com/tag/Oscar) de Melhor Filme Estrangeiro para o Líbano é importantíssima, porque realça a existência das tensões no país, promove conversas válidas, o que não quer dizer que o filme seja panfletário, buscando tomar posições concretas, ditando o que é certo e o que é errado, quem está certo e quem está errado, doutrinando o seu espectador de uma maneira óbvia sobre determinando assunto.

O diretor [Ziad Doueri](http://planocritico.com/tag/Ziad-Doueri) personifica a câmera cinematográfica, fazendo-a mudar de opinião a todo instante. A vida possui mais camadas. O intolerante, por mais difícil que isso soe, também tem o seu lado e devemos entendê-lo para ousarmos mudá-lo, caso seja possível um acontecimento da espécie, mesmo que o ético aparente ser deveras óbvio na nossa cabeça. Será que discursos de amor, de compreensão, de reflexão, até mesmo para aqueles que negam estar no erro, seriam uma solução? O que fazer em casos dificílimos, como as crises ideológicas no Oriente Médio, onde a situação vai muito mais além do mais compreensível preto e branco? Um impasse ainda mais complexo que o que vivemos no Brasil, por exemplo. Pode ser que sejamos todos vítimas ou que, em contrapartida, só precisemos da verdade, de perdoar. O que quer que seja, *O Insulto*definitivamente nos faz pensar. A mensagem por trás, mesmo com alguns equívocos narrativos, não é abalada em momento algum, continuando forte e provocativa.

A pauta sobre os limites da liberdade de expressão, dentre muitas temáticas, recebe comentários, assim como o racismo. O roteiro de Doueri e [Joelle Touma](http://planocritico.com/tag/Joelle-Touma), na comparação com o conflito racial nos Estados Unidos, revela ser muito mais universal do que regional. O panorama geral pode ser atribuído a muitos conflitos diferentes, contudo, existem detalhes que diferem e tornam nossas “guerras civis”, nas ruas ou nos palanques, únicas, proporcionalmente complexas, mas ainda assim complexas. Será que necessitamos de mais filmes como esse? Será que necessitamos passar por situações como essa para aprendermos a tolerar o outro? Será que necessitamos parar por duas horas, abrir nossas mentes, e perceber o quão estúpidos estamos sendo com nossos irmãos? A calmaria quando a tempestade já se instaurou possui espaço? Em meio a descrença, o caminho é o radicalismo? O mundo talvez se tornasse melhor se acreditássemos em um conjunto humano, em poderes atuando universalmente.

Se olhássemos o próximo não pelas nossas diferenças, mas pela nossa semelhança maior: o fato de sermos todos seres humanos. Esqueçam as nações, as tribos, os grupos, as raças, as orientações sexuais, os gêneros, as bandeiras e as religiões. Pensem no homem como homem e se identifique com ele por ele ser, afinal, uma variação de você mesmo, singular mas ainda assim intrinsecamente parecida. Nossas identidades deveriam tornar o mundo mais único, não individualista. Parafraseando [*O Grande Ditador*](https://www.planocritico.com/critica-o-grande-ditador/), “*neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover todas as nossas necessidades.*” Um discurso bastante utópico, não é? Tão simples, mas tão distante, todo esse devaneio de um mundo melhor também pode ser encontrado no filme de ficção científica, [*A Chegada*](https://www.planocritico.com/critica-a-chegada-2016/), aliás. Com as muitas divagações deixadas de lados, vamos partir para o longa-metragem, um forte drama de tribunal, uma produção libanesa crucialmente importante, verdadeiramente necessária para o nosso mundo.

A dupla de protagonistas, no plano narrativo, possui um ótimo arco. O libanês, apoiador do Partido Cristão, Tony Hanna ([Adel Karam](http://planocritico.com/tag/Adel-Karam)), que adentra terras polêmicas ao decidir processar o refugiado palestino Yasser Salameh ([Kamel El Basha](http://planocritico.com/tag/Kamel-El-Basha)), após uma série de desentendimentos, agressões e insultos, tem sua história contada. Karam transpõe uma personalidade mais fria, referente a relação entre seu personagem e Yasser, enquanto Kamel faz o contrário, soando muito mais passivo, ao passo que desenvolve o orgulho ao seu próprio modo. A arma é a tragédia. O ataque é gatilho para a fúria, para a possibilidade de mais uma outra tragédia ser fecundada. O meio provoca. Tony também conta com Shirine, interpretada por [Rita Hayek](http://planocritico.com/tag/Rita-Hayek), sua esposa grávida, voz da razão e dispositivo narrativo para levar o personagem de um ponto para outro. A hipocrisia religiosa é ilustrada em um diálogo certeiro, com o libanês se julgando conscientemente diferente de Jesus. Sigam-me os bons, imitem-me os sábios.

Os dois protagonistas, porém, possuem mais camadas, que se revelam nos momentos oportunos, e permitem que nós nos afeiçoemos a jornada de ambos. Aos poucos, se percebe que Tony e Yasser possuem muito mais semelhanças do que aparentavam. O roteiro, ainda por cima, apresenta e desenvolve naturalmente alguns aspectos que interessam aos espectadores durante as operantes exposições em discursos no tribunal, com exceção de um momento no qual as coisas tornam-se verborragicamente desnecessárias, explanando, no clímax, tudo que cenas anteriores já haviam dito. O incômodo perante a redundância. As situações ficam mais manipulativas quando o diretor decide expor certas suavizações de seus personagens em uma cena dentro de um estacionamento a céu aberto, mais auto-indulgente do que necessária para a transformação daquele relacionamento, mas, fora isso, o tribunal é um ambiente perfeito para as maçãs podres serem reveladas do pomar.

Wajdi ([Camille Salameh](http://planocritico.com/tag/Camille-Salameh)) e Nadine ([Diamand Bou Abboud](http://planocritico.com/tag/Diamand-Bou-Abboud)), portanto, surgem como movimentadores da narrativa no que tange essa questão de enredo, com discursos inflados, inseguranças e conflitos pessoais. O que falta no roteiro é o entendimento, por parte do espectador, de que há algo em jogo além da disputa entre palestinos e libaneses. Seria mais interessante se fosse incitada a possibilidade da perda, seja de qualquer oposição, acarretar consequências substanciais nas vidas privadas dos advogados. Quando pensamos nos protagonistas, a situação é diferente, mesmo que a questão do emprego de Yasser se perca pela metade da obra. Ziad Doueri mostra sua capacidade na direção, dando dinâmica e apreensão aos monólogos, abrindo espaço para que o montador brinque com as possibilidades de coesão. Em certos momentos, o diretor faz com que Yasser e Tony se complementem em um mesmo enquadramento, o que mostra sua intencionalidade no filme e sua técnica.

A trilha sonora dessoante, mal encaixada em um trabalho que se valeria mais de uma melodia singela, porém, não vale a nossa atenção. Como exemplo, um plano aéreo pelo final da projeção é acompanhado de uma carga sonora pesada que não faz paralelo com nada em termos dramáticos, queixando-nos, portanto, de uma certa injustificabilidade, soando gratuita. Um adjetivo – gratuito -, no entanto, extremamente injusto para *O Insulto*, quase que uma antítese para a gratuidade temática à beira da banalidade, que acompanha outras produções, retomando assuntos passados, mas sem relacioná-los com o presente. Os relatos são sempre mais interessantes quando estão acompanhados de um embasamento no presente, como acontece nesse excelente filme libanês. Um longa-metragem com a surpreendente capacidade de promover esperança aos seus espectadores, uma saída para o caos. Um trem desgovernado que no último minuto poderá encontrar um maquinista para o guiar.

**O Insulto (L’insulte) – Líbano/França, 2017**
**Direção:** Ziad Doueri
**Roteiro:** Ziad Doueri, Joelle Touma
**Elenco:**Adel Karam, Kamel El Basha, Camille Salameh, Diamand Bou Abboud, Rita Hayek, Talal Jurdi, Christine Choueiri, Julia Kassar, Rifaat Torbey, Carlos Chahine
**Duração:** 112 min.